

Há já muito tempo que as feministas afirmamos que a violência de gênero tem muitas e diversas manifestações; as violações e agressões sexuais, os maus tratos físicos e psíquicos, o controlo sobre a nossa sexualidade, a discriminação salarial, a feminização da pobreza, a falta de reparto equitativo nas tarefas domésticas, a negação do nosso direito a decidir livremente sobre a nossa saúde reproductiva, etc...

Neste 25 de Novembro queremos fazer finca-pé numha de tantas violências:

A VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL, A INVISIBILIZAÇÃO DAS MULHERES QUE SOM AGREDIDAS.

-Instituições públicas como o Serviço Galego de Igualdade que publica um telefone de atenção a mulheres que ninguém colhe fora de horário de secretaria.

-O mesmo Serviço de Igualdade publica guias de recursos de atenção a mulheres que sofrem agressões, contando como serviços específicos os que nom som, como os serviços sociais de atenção primária de cada concelho (já criados e em funcionamento para atender a toda a povoação).

-Outras instituições públicas, como Concelhos e Mancomunidades, que oferecem serviços especializados como CIM (Centros de Informação a Mulheres) sem contar com pessoal especializado ou com outras faltas de infra-estructura (falta de espazo, horários insuficientes, etc).

-Umha Secretaria Geral de Igualdade que leva mais dum ano a falar dumha inovadora Rede Integral de Atención às Mulheres que sofrem violência que ainda desconhecemos por completo. Como, quando, onde está?

-Umha Secretaria Geral de Igualdade que se implicou activamente no feche de duas Casas de Acolhida para Mulheres em situação de maltrato **públicas** (ainda que com gestão privada) que existiam no nosso país; primeiro a Casa do Concelho de Santiago de Compostela (Dezembro 2007) e depois a Casa do Concelho de Vigo (Julho do 2008).

-Umha Secretaria Geral de Igualdade que **fecha servizos e nom cria nengum**, polo que as mulheres que sofrem esta situação estam a ser derivadas a Instituições privadas de carácter religioso (caso de Vigo) e a estabelecimentos públicos de hotelaria (caso de Compostela). É preciso dizer que a Secretaria nom se ocupa das derivações das mulheres, este trabalho sujo o deixa em maos dos Concelhos.

-Instituições públicas como o Serviço Galego de Igualdade que intenta compensar o valeiro silenciado de recursos e serviços com um Programa Galego de Acompanhamento a Vítimas de Violência de Gênero, onde se compromete a formar em matéria de gênero e atenção a mulheres vítimas de maus tratos e sobre o manejo de novas tecnologias às pessoas voluntárias que colaborem.

Queremos destacar que há organizações de mulheres que fazem esta labor de forma totalmente solidária e comprometida com a erradicação da violência e nom cumprem os "requisitos" que pede o Serviço Galego de Igualdade para incluir-se no citado programa.

-Diferentes representantes políticos do BNG e do PSOE que fazem manifestações irresponsáveis sobre a violência de gênero; relacionando-a quase exclusivamente com colectivos específicos como o de pessoas imigrantes, fazendo análises parciais dos dados sobre a violência de gênero que levam à invisibilização da violência de gênero ou em outras ocassões à victimização das mulheres como pessoas adultas necessitadas de tutela.

-Um governo autonómico como o da Junta de Galiza que incumpre reiteradamente **a Lei Integral contra a Violência de Gênero que estabelece que as mulheres que sofrem violência de gênero tenhem direito a umha assistência social integral.**

-Tudo o anterior nom contribui para combater o maltrato institucional que sofremos as mulheres, ainda hoje em muitas esquadras de polícia ou quarteis da guarda civil, julgados e outros serviços de ajuda. Maltrato consistente basicamente no juízo das mulheres, na transmissão de informação pouco clara, na excessiva derivação dum serviço a outro, na minimização da violência que as mulheres estam a viver ou viviram, na simplificação de soluções a questons exclusivamente económicas, em resumo na nom atenção das necessidades e dificuldades individuais de cada mulher.

Neste 25 de Novembro voltamos a denunciar que os poderes políticos nom só nom ofrecen respostas às mulheres que están em situación de maltrato senom que están a fechar servizos especializados e públicos do país, polo que voltamos a dizelhes que:

Nom aceptamos mais discursos cheios de escusas ou, aínda peor, de afirmacións irresponsábeis sobre a suposta desaparición da violencia de género.

Nom aceptamos mais servizos sem persoal específico que reparta caridade, que julgue as mulheres como máis ou menos culpábeis, máis ou menos "boas" ou "más", e que as penalize polas súas decisións.

Nom aceptamos máis servizos burocratizados incapacitados para responder a situacións urgentes e cuja finalidade seja derivar as mulheres a outros servizos nom especializados.

Exigimos servizos especializados de información e asesoramento e de acollida, com fácil acceso e que supoñan unha referencia real para todas as mulheres, percebidos como espazos seguros, acolhedores e dignos.

Exigimos servizos especializados de información e asesoramento e de acollida, onde a atención directa seja individual e tamén comunitaria, que sejam servizos activos e activistas na construción dumha realidade que rejeite a violencia de género.

Exigimos servizos especializados de información e asesoramento e de acollida, dotados de equipos de profesionais com adecuada formación e experiencia específica que possibilitem a realización do traballo desde unha perspectiva de género.

VISIBILIZANDO A VIOLÊNCIA
NOM AO FECHER DOS RECURSOS

25 novembro dia internacional contra a violencia de género
mulheres nacionalistas galegas